



Trabalho (no) Feminino: (1850-1926) - Histórias dos Açores

Mulheres Singulares

Maria Georgina Moniz (??-) era natural da vila do Nordeste, ilha de São Miguel. Foi uma artista amadora autodidata, que trabalhou em sua casa, sem grandes condições, em uma altura em que os mecenas locais, que haviam pontuado a segunda metade do século XIX, paulatinamente deixaram de patrocinar os estudos artísticos das gentes e dos talentos da terra.

Pouco se sabe sobre ela. No início de 1938, fez a sua tímida apresentação ao público como artista, quando expôs em sua casa trabalhos em pintura e escultura, e captou a atenção de Domingos Rebelo que, no início desse ano, lhe dirige, nas páginas do *Correio dos Açores*, um elogio às suas capacidades artísticas e à sua perseverança.

A referida exposição de pintura e escultura contou com um total de 33 obras. “Num quarto modesto na sua casa da Rua de Lisboa, onde a beleza parece brigar com a falta de luz e ambiente apropriado”, os trabalhos de Maria Georgina Moniz expressavam um regionalismo artístico, pintando temas da ilha, das suas gentes e costumes, “numa perfeição equilibrada de tonalidade e proporções”, não fugindo, portanto, às correntes mais atuais em circulação. Na pintura, expôs flores (*Camélias, Flor de Fogo e Jarros*), frutos (*Limões, Cebolas, Ananás, Melancia, Tomates*) e loiça da Lagoa (*Na Cozinha*). Na escultura, expôs pequenas

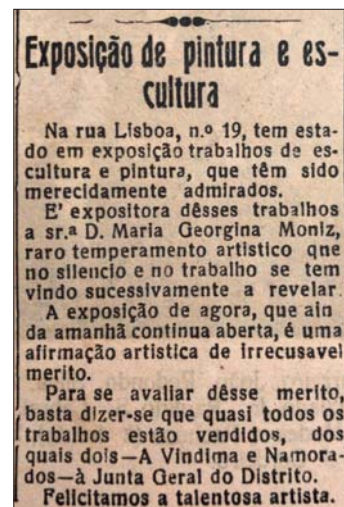


► Fotografia de Maria Georgina Moniz. *Correio dos Açores*, nº5106 de 1 de janeiro de 1938, p.1.

esculturas em gesso, feitas com o auxílio de uma navalha, nomeadamente um conjunto intitulado *Namorados*, outro *Avó* e ainda *Vindima*, que mereceram destaque.

Sabemos, ainda, que, em janeiro de 1939, tinha aberta ao público uma exposição de pintura, patente em sua casa, na rua de Lisboa, mas não conseguimos obter mais dados sobre futuras exposições. O seu nome não consta da história da arte açoriana, desconhecendo-se mais sobre a sua produção artística e o seu percurso.

No rescaldo da sua exposição de estreia, em 1938, a Comissão Administrativa da Junta Geral do Distrito de Ponta Delgada adquiriu alguns dos seus trabalhos, na intenção de promover o estímulo aos artistas locais, apelando a que se lhe pagassem os estudos artísticos completos. Em ata da Junta Geral consta que foram adquiridas 3 obras da artista, por um valor de 160 escudos, “por serem manifestações de arte de valor e pouco



► *Diário dos Açores*, nº17.779, de 5 de Janeiro de 1938, p. 1.

frequentes em amadores”. No entanto, a imprensa coeva refere apenas duas, nomeadamente o conjunto de escultura *Namorados* e *A Vindima*. A aquisição partiu de proposta do Diretor da Secção de Arte (Amadores) do então Museu Municipal Carlos Machado, sendo que as mesmas, após a compra, incorporaram a referida Secção do Museu.

Cristina Moscatel

Recomendamos a leitura

As nossas sugestões incidirão, desta vez, na escultura. De incontornável leitura, é a obra coordenada por Raquel Henriques da Silva e Sandra Leandro – *Mulheres Escultoras em Portugal* –, editada pela Caleidoscópio em 2017, onde, recuando, no possível, ao século XVII e entrando pelo século XXI, se revelam e expõem casos de estudo de escultoras portuguesas. É uma obra de síntese, mas que se confirma ser um sério contributo para a divulgação e exposição pública de nomes femininos ligados à escultura que, de outra forma, permaneceriam desconhecidos.



Num registo mais académico, porque fruto de dissertação de Mestrado em Escultura apresentada à Universidade de Lisboa, em 2017, salientamos *O retrato feminino na escultura portuguesa dos séculos XIX e XX. Um percurso escultórico*, de Ana Alexandra Carvalho Ribeiro, onde se abordam tipologias escultóricas do retrato feminino na escultura portuguesa naquele período temporal, desde a obra *Flor Agreste*, de Soares dos Reis, até à obra *Natália Correia*, de João Cutileiro.

Finalmente, sugerir a leitura do artigo da autoria de Sandra Costa Saldanha – “Nobre amadora, mulher escultora. A actividade artística da 3ª duquesa de Palmela” –, publicado na *Revista Margens e Confluências*, nº11-12, em 2006. Neste artigo, a autora revela algum do percurso artístico de Maria Luísa de Sousa Holstein, 3ª Duquesa de Palmela (1841-1909), que, para além de grande mecenas das artes e, sobretudo, da escultura nacional, foi igualmente uma escultora admirada no seu tempo, pese embora, sempre, o rótulo de amadora.

Cristina Moscatel

Sabia que...

Desde finais do século XIX, movimentos culturais que pugnavam pela singularidade e unicidade açorianas foram-se desenvolvendo e criando espaço no pensamento local. Esses movimentos culturais açorianos viriam a intitular-se, já na primeira metade do século XX, de Regionalismo.

Na senda dos primeiros movimentos autonómicos, procurava-se a essência e as características muito próprias do povo açoriano, aplicando-as a todas as áreas de produção humana. Primeiro, com atenção às particularidades naturais e, depois, às características etnográficas populares, este movimento, que abarcou várias áreas desde a política, à literatura, e marcou, igualmente, a pintura e a escultura regional, transformou-se em um verdadeiro movimento cultural de cariz regional. No entanto, o desenvolvimento de movimentos regionalistas na primeira metade do século XX não seria exclusivo dos Açores, ocorrendo um pouco por todo o país.

Um dos seus maiores defensores foi Luís Bernardo Leite de Athaide, que reuniria, particular e institucionalmente, inúmeras peças que visavam retratar etnograficamente os Açores e escreveria profusamente sobre a particularidade cultural e artística açoriana, sendo o responsável pela criação dos conceitos de “casa micaelense” e de “arquitetura regional”.

Um dos seus maiores expoentes artísticos foi o pintor Domingos Maria Xavier Rebelo (1891-1975), mais conhecido como Domingos Rebelo, que pincelou as suas obras com as tradições, sentimentos, paisagens e particularidades regionais, destacando-se, por ser a mais conhecida, *Os Emigrantes*, que retrata a realidade de quem partia, sem querer, mas com necessidade de o fazer.

Cristina Moscatel